

## O NORDESTE E SUAS REPRESENTAÇÕES

Laisa Pinho de Souza<sup>1</sup>

*Resumo:* Nesta produção teórico-científica, apresentamos o objeto de estudo da pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Uneb: o Nordeste e suas representações. Para cumprir com essa tarefa, nos respaldamos em Anjos (2000), Albuquerque Junior (1988; 1999) e Walter (2010) para discutir o Nordeste como espaço simbólico, construído histórica e culturalmente através de uma confluência de discursos e imagens.

*Palavras-Chave:* Constituição histórica. Espaço simbólico. Nordeste.

### INTRODUÇÃO

Nesta produção teórico-científica, apresentamos o objeto de estudo sobre o qual debruçamo-nos para construir a pesquisa de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Uneb: O Nordeste e a construção de suas representações. Ressalto que, embora o objetivo da pesquisa seja discutir essas representações na escrita literária, a partir da trilogia *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), de Antônio Torres, neste ensaio objetivamos uma discussão teórica sobre a constituição histórica e cultural do Nordeste enquanto espaço simbólico.

De início, é preciso raciocinarmos sobre o Nordeste brasileiro, o qual, para além de um espaço geográfico, é um espaço simbólico, investido de relações semióticas e de poder. Através de uma confluência de discursos e imagens seus significados se constituíram historicamente, imprimindo-lhe uma identidade que, utilizando as terminologias de Anjos (2000) para nomear o processo de homogeneização dos espaços, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, quis-se pretensamente “natural e totalizante”.

A esse respeito, Albuquerque Júnior (1988) argumenta que a imagem do Nordeste está fortemente arraigada às secas, pois no momento em que a classe dominante da região norte do país descobriu nesse fenômeno climático uma arma para reclamar investimentos por parte do Estado para modernizar a infraestrutura produtiva da região e fortalecer-se politicamente, alicerçando-se as bases para a manutenção da conhecida indústria da seca, iniciou-se o processo de construção imagético-discursivo desse espaço.

Albuquerque Júnior (1999) também argumenta que o discurso regionalista da década de 1920 refletiu as diversas formas de se perceber e se representar o espaço nas diversas áreas do país.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Professores. Orientadora: Profª Drª Maria Neuma Mascarenhas Paes. Endereço eletrônico: prof.laisa@hotmail.com.

Segundo o autor, nesse momento a região centro-sul começou a se diferenciar das outras áreas do país, graças ao processo de industrialização e urbanização aí concentrados. Com a região centro-sul em latente desenvolvimento, passou a ocorrer um intenso movimento migratório, especialmente das regiões nordeste em direção ao sul (êxodo rural).

Esse processo de industrialização e urbanização do país, segundo Walter (2010), se intensificou durante os anos 1960 graças a tomada de empréstimos bilionários durante o governo militar, e nos anos 1980 graças aos planos de estabilização, a liberação e privatização econômica:

Em consequência do programa de modernização e industrialização do governo militar – projetos infraestruturais financiados mediante empréstimos de vários bilhões de dólares que criaram a dívida externa do país – e dos planos de estabilização, a liberação e privatização econômica dos anos 80 em diante, as contradições entre Nordeste agrário e o Sul tecnocrático não foram resolvidas, mas trasladadas para o interior nordestino e, por causa dos migrantes, para os centros urbanos, principalmente Recife, Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo (WALTER, 2010, p. 32).

Assim, percebemos que durante muito tempo as políticas governamentais voltaram-se para a modernização da região sul. Apenas nos anos 1980, a situação começa a mudar, mas, ainda assim, a desconcentração industrial promovida pela relocação de empresas dos centros urbanos para as zonas do interior se mostrou tímida. Ainda segundo Walter (2010),

[...] em consequência dessa distribuição econômica desigual entre as regiões e desse sistema de posse extremamente injusto, a pobreza é maior e mais comum no Nordeste do que no Sudeste e no sul. Ambos estes fatores estimularam a migração tanto das zonas rurais para as cidades e para o litoral, quanto do Nordeste para o Sudeste e o Sul entre os anos 60 e 90 do século passado (WALTER, 2010, p. 33).

Ao lado dos discursos deterministas que condicionavam o Nordeste às secas e dos dados históricos acima expostos, o discurso literário teve grande influência na invenção do Nordeste. Segundo Walter, a dicotomia geográfica nordeste/sul foi reinventada pela literatura, cujo marco foi a publicação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1906). Desde então, segundo o autor, “a oposição binária entre o paulista e o sertanejo tem se tornado uma constante do debate e da consciência nacional” (Ibid.: 33). O autor salienta que:

A migração do Nordeste para o sul não foi somente promovida pelo discurso oficial e causada por fatores naturais (as secas) e econômicos, mas foi fomentada pelas imagens e discursos da ficção. *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado, por exemplo, delinearam o Sul como lugar de esperança e sobrevivência para os nordestinos flagelados pelas secas e da exploração: o sul de Pernambuco com os engenhos de açúcar, o sul da Bahia com as plantações de cacau ou os estados de Rio de Janeiro e São Paulo com as plantações de café e as zonas industriais (WALTER, 2010, p. 34).

Nessa perspectiva, Walter afirma que esse discurso literário desenhou o Sul como um El Dourado, a rota de fuga dos nordestinos que viviam em meio às intempéries climáticas e explorados

por uma estrutura social comandada pelos oligarcas. Nas palavras do autor, o nordestino imaginava transformar sua condição de “flagelado explorado num trabalhador industrial que contribuiria para a construção e o progresso do país” (WALTER, 2010, p. 34).

Walter ainda cita Santiago, que sugere que enquanto os escritores realistas/naturalistas deram ao nordeste uma imagem romântica, os escritores da década de 1920 e 1930 espelharam-se na realidade geográfica, social e histórica do Nordeste, denunciando suas injustiças e desigualdades sociais. Ainda segundo o autor, “escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Américo de Almeida e Raquel de Queiroz incorporaram dialetos e idioletos regionais na sua escrita, denunciando a vida dura e o sofrimento do nordestino” (WALTER, 2010, p. 35), mas também, em resposta a uma concepção sulista de nação, na qual São Paulo foi eleito como a “capital cultural de um novo Brasil moderno e industrial, o discurso regionalista criou uma “contra-imagem do nordeste [...] caracterizado como um lugar de miséria, fome, fanatismo religioso, economia latifundiária e cangaço, berço rural e tradicional da cultura e identidade nacional” (WALTER, 2010, p. 35).

Nesse sentido, Walter faz uma crítica a este discurso fundado pela literatura regionalista, já que segundo o autor, não levava em conta a diversidade cultural que permeia o Nordeste, concebe-o como um bloco homogêneo, vejamos:

Este ufanismo regional, junto com a não problematização das diferenças intraculturais da região – penso em tais questões como raça, etnicidade e o gênero – criaram uma imagem homogênea de uma região altamente heterogênea (WALTER, 2010, p. 35).

Dessa forma, o discurso regionalista acabou contribuindo com o discurso oficial, identificando a civilidade no sul do país e a barbárie no Nordeste. Assim, fica claro como o discurso regionalista teve um importante papel na construção da identidade do Nordeste, identidade esta, calcada em estereótipos sociais.

Anjos (2005), no entanto, de encontro a essa percepção homogeneizante dos espaços, advoga a existência de nordestes, tão diversos que não podem ser pensados a partir de uma identidade fixa. Nos rastros dos estudos culturais e pós-coloniais, Anjos (2005) investe em termos que evidenciam processos de hibridismo e flexibilidade cultural oriundos do processo de globalização cultural. Os artistas associados ao movimento mangue beat são citados por esboçar uma ideia mais madura do que seria a identidade cultural nordestina na contemporaneidade: a particularidade dos mangues se originarem das trocas orgânicas entre as águas do rio e do mar transformaram-se em metáfora para evidenciar as trocas culturais entre as formas de vida. A ideia de uma nordestinidade seria “agora tecida sobre um delicado e complexo mapa de influências recíprocas e de negociações com outras culturas” (ANJOS, 2000, p. 5).

Nessa perspectiva, a arte, devido ao seu potencial em representar/recriar artisticamente, é um dispositivo que tanto poderá reforçar discursos e representatividades hegemônicas quanto desestabilizá-las. Dessa prerrogativa, questionamos: como a literatura contemporânea representa esse espaço na contemporaneidade? Com o fito de raciocinarmos sobre essa questão tomaremos a trilogia *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006) para desenvolver um trabalho que tentará entender que nordeste ou quais nordestes são representados artisticamente na escrita de Antônio Torres. Para justificar a escolha das referidas obras, passemos a apresentação de cada uma delas.

Essa terra, cuja cenografia é ambientada no Junco, hoje Sátiro Dias, terra natal de Antônio Torres, conta a história da família Cruz, composta pelo pai, pela mãe e pelos seus doze filhos. Totonhim, um dos filhos do casal, é o personagem que narra as histórias da família, assim como daquele universo sociocultural. A história desenrola-se através da história do personagem principal, Nelo, que seduzido pelo “Sul maravilha”, migra em busca de melhores condições de vida. Após vinte anos na metrópole e sem conseguir se inserir na lógica neoliberal, retorna à sua cidade natal, talvez acreditando reencontrar-se com as suas raízes, porém o suicídio cometido logo nos primeiros dias de seu regresso evidenciam a sua sensação de não-lugar. A narrativa termina, quando após o suicídio de Nelo, Totonhim também vai em busca de melhoria de vida e parte para São Paulo.

Por sua vez, *O cachorro e o lobo* retoma a história do romance *Essa terra*, quando, após 20 anos, Totonhim faz uma rápida visita ao Junco, graças ao aniversário de 80 anos de seu pai. Perdido em memórias, constata a chegada do progresso a sua terra natal. Nesse regresso passageiro, Totonhim faz um paralelo entre o Junco de vinte anos atrás e a do tempo presente e até mesmo entre aquele Totonhim sertanejo, cheio de sonhos e expectativas que vislumbrava nas luzes da cidade grande o caminho para sair da pobreza, e o Totonhim de agora, com 40 anos, casado, com dois filhos e empregado no Banco do Brasil (aterrorizado pela possibilidade de perder o emprego), que conquistara junto com a esposa a compra de um apartamento, pago em 15 anos. Em seu regresso, observa, in lócus, as mudanças ocorridas no lugar, a chegada do progresso. A cidade já tem luz, eletrodomésticos, posto telefônico, casas começam a ter arquitetura mais modernas, a estrada ganhou asfalto. Percebe que partir para cidades maiores, especialmente São Paulo, já não é novidade, mas uma situação rotineira.

Para fechar a trilogia, em *Pelo fundo da agulha* Totonhim, agora aposentado, divorciado e em um quarto de hotel, novamente imerso em fragmentos de memórias, refaz a sua trajetória de vida. É, pois, uma viagem introspectiva, um diálogo com o “eu” mais íntimo, no qual revisita seus sonhos pretéritos, seus amores, suas relações familiares, como foi se constituindo através de suas escolhas e

dos lugares pelos quais passou e foi perpassado, enfim é um acerto de contas com o tempo. Segundo o autor, Pelo fundo da agulha foi a tentativa de

fazer uma reflexão sobre este crepúsculo do mundo em que vivemos. Um mundo pós-utópico, pós-modernista, pós-tudo. Entendo que por trás dos impasses do personagem Totonhim não estão apenas os meus próprios. Nem apenas da minha geração. O que me parece é que de repente nos vemos todos — jovens, adultos e velhos — numa espécie de encruzilhada do tempo, em busca de uma saída para o futuro. E onde está esta saída? Eis a questão (TORRES, site pessoal).

Como vimos, há um dialogismo constitutivo na trilogia torresiana. Dado a esse dialogismo, leremos as obras como um continuum, tendo Pelo fundo da agulha como o fio condutor de uma costura enviesada da trilogia, posto que representa a fase de vida mais amadurecida do personagem e oportuniza a revisita a lugares, questões e conflitos postos em suas precursoras.

Com esse trabalho, acreditamos seguir os rastros de Deleuze (1974), pois ao discutirmos os significados sobre o nordeste como constructos sócio-histórico-culturais colocaremos a transparência da linguagem em questão, operando nos signos linguísticos e dissecando significantes e significados, assim como os rastros de Derrida nos convida a problematizar as bases que compõe o pensamento e a linguagem ocidentais, que funcionam de maneira binária e hierarquizada e revestem-se de uma falsa essência, pura, verdadeira e divina. Entendemos a dicotomia nordeste/sul como um binarismo que naturaliza a inferioridade do Nordeste.

É preciso questionar constantemente a linguagem e os seus pressupostos, atentar aos seus significados construídos. Dessa forma, problematizaremos como o espaço nordestino, através da linguagem, foi e é significado cultural e historicamente, quais as relações de poder que perpassam esses significados, quais investimentos ideológicos lhes foram feitos, assim como questionar se esse espaço é ressignificado pela escrita torresiana. Nas palavras de Agamben (2005), será um esforço para pensar/utilizar a língua como o lugar da política, de montar um discurso que fragilize e desconstrua os pressupostos hegemônicos.

A problematização e desconstrução dos pressupostos hegemônicos ocorrem à medida que tomamos consciência (crítica) daquilo que formou as nossas subjetividades e ordem sociocultural, isto é, a linguagem e a racionalidade irracional metafísica. A literatura, para Barthes, constitui-se como uma potente arma para desestabilizar os sentidos que já estão dados na e através da linguagem, fomentadora por excelência de reflexões que nos permitam reelabora-los, graças as suas três forças: a mathésis, sua forma singular de dialogar com outras ciências, sem elas se curvarem em uma reflexão infinita do próprio saber; a mimésis, a representação do irrepresentável (o real); a sémosis, o jogo que ocorre através dos signos.

Enfim, é inegável o potencial literário no descortino de nossos (pre)conceitos. As formas de significar o mundo e a nós exige uma estética da experiência, haja vista que “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17) é uma tarefa inegavelmente literária. E é devido a isso que embarcaremos no mundo proposto pela trilogia de Torres para pensar as estruturas de poder e de significação desse nosso espaço nordestino.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da infância e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, 188p.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877-1922)*. Unicamp: Dissertação de Mestrado 1988.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Cortez, 1999.
- ANJOS, Moacir dos. Vinte notas sobre identidade cultural no nordeste do Brasil. *Anais do Encontro de Arte Latina*. UFRJ, 2000. Disponível em <http://www.pacc.ufrj.br/artelatina/home.html>
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Coutrix, s/d.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *A lógica dos sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TORRES, Antônio. *Essa terra*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1979.
- TORRES, Antônio. *O cachorro e o lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WALTER, Roland. A ficção de Antônio Torres e João Ubaldo Ribeiro: entre o deslocamento e a relocação num espaço não fronteiriçado. In.: NOVAES. Cláudio Cledson; SEIDEL. Roberto Henrique, (Org.). *Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres*. UEFS editora, Feira de Santana, 2010.